



SÓ ME RESTA  
*confiar*

UM CONTO DE  
LYTA RACIELLY





SÓ ME RESTA  
*confiar*

LYTA RACIELLY



Copyright © 2021 Thallyta Oliveira

**Revisão:** Mirna Lairte

**Design de Capa e Diagramação:** Lyta Racielly

**Betas:** Ana Luiza Teixeira, Lavinia Queiroz, Raquel Goes, Bibi Costa, Lauriene Araujo

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança que não seja expressa previamente pela parte da autora, trata-se de mera coincidência.

É expressamente proibida a reprodução, total ou parcial, ou qualquer tipo de impressão sem prévia autorização da autora deste livro. Abre-se exceção para citações breves para resenhas e avaliações. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Nota da Autora**

**Prólogo**

**Capítulo 01**

**Capítulo 02**

**Capítulo 03**

**Capítulo 04**

**Capítulo 05**

**Capítulo 06**

**Capítulo 07**

**Epílogo**

**Epílogo Extra**

**Agradecimentos**

**Sobre a Autora**

*Para todos que precisam ser continuamente lembrados que  
Deus não perdeu o controle da História.*

*“Porque na verdade eu descobri  
Que tudo o que eu preciso está em ti  
Mas meu coração é teimoso demais pra admitir  
Sei que depender é como viver  
Perigosamente, mas  
Eu preciso acreditar e confiar  
No que você me diz”*

*(Ministério Zoe - Aquieta minha Alma)*

*Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!*

*Por que quem compreendeu a mente do Senhor? ou quem foi seu conselheiro?*

*Ou quem lhe deu primeiro a Ele, para que lhe seja recompensado? Porque dEle e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém.*

*(Romanos 11:33-36)*



# Notas da Autora!

Primeiramente, seja bem-vindo (a) a “Só me resta Confiar”, esse é a minha primeira obra publicada na Amazon, porém tenho outros contos e livros em andamentos no Wattpad, caso queira conferir meu user é @LytaRacielly.

O conto aborda o dia a dia em uma base missionária, e apesar de ter me inspirado em uma organização específica, a qual faço parte, ela não é citada diretamente em nenhum momento da obra, pois tiveram características suas também alteradas. Mas caso perceba algo, qualquer semelhança não é mera coincidência kkk.

Acima de tudo peço que esteja com o coração aberto para tudo que vai estar sendo escrito aqui, e que, se for da vontade de Deus, possa fazer alguma diferença na sua vida.

Boa leitura!



# Prólogo



Querido leitor,

*É difícil descansar em Deus, não é? A dúvida do futuro nos domina, o medo nos assombra de tal forma que preferimos nós mesmos escolhermos os nossos próximos passos. É mais palpável.*

*Mas, recentemente, lendo o Antigo Testamento, Deus me trouxe o entendimento de como era grande a fé daqueles homens e mulheres. Mesmo sem perspectiva nenhuma, eles confiaram na vinda do Messias, do Salvador da humanidade.*

*Daqui a algumas semanas chega o Natal (e se você é o chato que não comemora porque Jesus não nasceu nessa data, senta lá, Cláudia!). Para mim, é a comemoração mais importante do ano. E Deus escolheu justamente esse período para me trazer tantas lições sobre confiança e descanso.*

*Talvez você não se surpreenda tanto com meu testemunho. Talvez você chore (eu chorei). Mas meu objetivo aqui é apenas mostrar o cuidado de Deus na minha vida, e oro para você vivê-lo também. Não igual ao meu, mas do jeitinho que você precisa!*

*E isso até pode parecer uma história de romance entre dois missionários apaixonados e preocupados. Porém, vai muito além disso: é a história de como Deus teve misericórdia e compaixão de dois pecadores e mostrou aos seus corações o que era realmente importante.*

*Já falei muito, vou deixar você descobrir o resto por conta própria!*

*Com amor,*

*Elisabeth.*



# Capítulo Um

*"Pai me ensina a Te enxergar  
A crer que no controle Tu estás  
E o sofrimento nunca é em vão  
És eternidade viva em mim  
Certeza de que não perecerei no fim  
A esperança em meu coração  
Pois nada foge dos planos Teus, Senhor  
Descansarei e confiarei em Ti"*

*(Purples - Teu Melhor)*



Outubro, décimo mês do ano. Mais popularmente conhecido pelo Dia das Crianças, quando presentearmos nossos pequenos com algo do sonho deles. Bem, apesar de ainda não ser mãe, nesse exato momento eu me sentia como uma galinha tentando juntar seus pintinhos.

— Larissa, pegou a sua identidade? Carlos, não esquece da bombinha da asma. Pelo amor de Deus, Paula, o que você não entendeu do: "Leve o que você consegue carregar"?

Eu iria enlouquecer! Esse era meu terceiro prático como obreira, mas cada um era uma peça diferente, e dessa vez tudo estava dando errado.

Há menos de um mês, estava tudo certo para que a minha equipe ficasse em Matinhos, uma cidade a duas horas da base missionária onde eu servia. Com isso, era fácil viajar até a capital, Curitiba, para resolver as coisas do casamento.

Ah é, não comentei, eu estou noiva. Ano passado, Lucas veio para a base realizar uma das escolas de aconselhamento. Nisso, começamos a conversar, apenas como amigos.

Durante a única semana das férias de julho, ele viajou de surpresa até a minha cidade, no interior de Goiânia, para conversar com meus pais. Eu não fazia a menor ideia de nada da parte dele, Lucas nunca deu qualquer indício de sentimentos por mim. Porém, no final de agosto, um mês depois que voltamos à base, ele me pediu em casamento.

Obviamente levei um susto, porque, como disse, ele nunca demonstrou simplesmente nada. Por causa disso, precisei de um tempo para organizar meus pensamentos e orar. Provavelmente, foi a semana que eu mais orei na minha vida, pedindo para ser racional e não me deixar levar pela emoção. Mas, conversando com minha discipuladora, percebi como Lucas foi a resposta de todas as minhas orações, inclusive a parte de pedir para meus pais antes e depois direto em casamento, sem enrolação de namoro ou noivado.

E aí está mais uma coisa que fomos fora da curva. Quem se casa em cinco meses? Ainda mais missionários, que têm que guardar dinheiro por anos?

Mas, graças a Deus, Lucas tinha a mesma visão que eu e não via motivos para ficar demorando.

Tá, mas até aí tá dando tudo certo, né? Estava certo até demais.

Nesses dois meses começamos a receber ofertas além do esperado, conseguimos alugar uma chácara para nos casarmos. Era um verdadeiro sonho de princesa.

Mas, no final de setembro, Alessandra, outra obreira, ficou doente e não poderia ir para o prático em Antofagasta, no Chile. Então, como eu era a única que falava espanhol além dela, teriam que me pôr no lugar.

A diferença era que, dos R\$ 200,00 que eu gastaria anteriormente, apenas com o valor do caixa de emergência, os gastos iriam para mais de R\$ 3000,00 em menos de um mês.

Para piorar, Lucas também teve dificuldades. Ele foi escalado para ir em um prático no Pará, e, até então, pagaria apenas pela passagem. Mas, faltando duas semanas, a Igreja avisou que aconteceram alguns acidentes e que não poderiam mais pagar tudo. Ou seja, a equipe teria que arcar com os custos da alimentação.

Nisso, fomos obrigados a tirar dinheiro do caixa destinado ao casamento. O que me confortava era que ao menos a locação estava paga e o vestido era incluso, os maiores gastos estavam tranquilos.

Daqui a meia hora minha equipe sairía para o Aeroporto Afonso Pena. Teríamos uma escala em São Paulo, outra em Santiago, já no Chile, para, por fim, chegar em Antofagasta, perto do deserto do Atacama.

E eu, como obreira, estava correndo atrás de tudo. Por ser uma viagem internacional, era ainda mais estressante. Com o menor problema, um dos alunos não conseguiria viajar e a dor de cabeça seria toda minha e do Jonas, o outro líder.

— Elisa, você está muito ocupada? — A voz de Lucas soou por trás e senti sua mão apertar levemente meu ombro.

Uma sensação de quase paz me preencheu. Era estranho ver o quanto o toque de alguém que amamos pode nos acalmar. Me virei, pronta para receber um abraço de despedida, mas sua expressão denunciava que era algo muito sério.

— O que aconteceu? — questionei aflita, enquanto caminhávamos para longe da aglomeração de alunos.

— Eu estava mexendo no Twitter quando vi uma notícia...

— Fala logo, Lucas! — quase gritei ao vê-lo tentando escolher as palavras certas.

— Sabe a empresa que contratamos para organizar nosso casamento? Então, eles deram um calote em todos os clientes e simplesmente sumiram com o dinheiro já pago.



# Capítulo Dois

*“Jesus, você ainda pode me amar?  
Será que ainda pode me usar?  
Será que ainda pode me amar?  
Você pode habitar num coração  
Tão duro e frio como o meu?  
Será que ainda pode olhar  
Através dos meus olhos  
Que tantas vezes se desviaram?”*

*(Ministério Zoe - Canção do Publicano)*



— Tem misericórdia de mim, eu não passo de um pecador, tem misericórdia de mim, eu preciso do Seu doce amor — Larissa cantava, em nosso momento de equipe.

— Tem misericórdia de mim mesmo, Senhor! — sussurrei, desesperada.

Faltavam exatas dez semanas para o casamento e eu não tinha um real, e também não tinha nada garantido. Em sete dias voltaríamos para o Brasil e minha dor de cabeça iria piorar.

Lucas também não estava nada bem. Ele se sentia mal por ter usado na viagem um dinheiro que iríamos investir na nossa casa.

Outra coisa que me assustava era que, em possivelmente, dez semanas, eu daria meu primeiro beijo, seria uma mulher

casada. Ignorei o frio que passava pela minha barriga só de pensar nisso para prestar atenção aos alunos.

— Bom — Larissa colocou o violão de lado e pegou sua Bíblia— Me encarregaram de trazer a palavra hoje, então vamos lá!

Massageei as têmporas, tentando esquecer meus problemas e me concentrar. Nem sempre era bom ser obreira. Os alunos, mesmo na teoria, sabendo que somos pecadores como eles, na prática colocam todas as expectativas possíveis em nós. E, se erramos, já pensam, muitas vezes até fofocam entre eles: “Nossa, mas eles não são obreiros? Deveriam dar o exemplo”.

Eu sei como é, já fui aluna também.

— Eu estive orando muito sobre o que falar, e imediatamente fui levada para a passagem de Pedro andando sobre as águas, em Mateus 14.

Gesticulando, ela começou a explicar sobre o quanto o trecho ensina sobre a confiança.

Nesse momento, fui levada para o campo da base, quando, ainda na minha época de aluna, Deus me deu exatamente essa palavra.

Acho que não expliquei o que faço exatamente, nem o que é essa escola, né? Você deve estar igual ao meme da Nazaré tentando entender tudo o que estou falando.

Bem, como dito, sou missionária. Sirvo, há três anos, em uma base localizada na cidade de Curitiba (base é a forma como chamamos os centros de treinamento missionário, de onde as pessoas são enviadas para outros lugares do mundo). Nessa

organização, da qual faço parte, temos diversas escolas. Inclusive, funciona como uma universidade (apesar de ainda não ser reconhecida pelo MEC), e a principal forma de ingressar na organização é a escola de entrada.

Ela tem duração de cinco meses. Três teóricos na base, nos quais temos diversas aulas, entre elas: história de Deus, oração, devocional, perdão, identidade, paternidade, discipulado, e por aí vai... Nos outros dois meses, somos enviados para algum lugar do mundo.

Após fazer essa escola, Deus me guiou para trabalhar nela, servindo aos próximos alunos. Cá estou. E esse é o papel do obreiro, talvez uma outra palavra que você não conheça e vou falar bastante por aqui.

Obreiro é a pessoa que trabalha na base. Por funcionar como uma universidade, existem os alunos, quem veio para aprender, e os obreiros, que são os alunos que ficam e ajudam nas outras turmas.

Ah, para te situar, nesse momento da história estávamos no final dos dois meses de prático, okay?

Voltando.

Quando eu ainda era aluna, estava sentada em um banquinho embaixo de uma árvore, um dos meus locais favoritos, orando, quando recebi uma mensagem de Marta, minha discipuladora, com as notas do memorial da semana.

Memorial, ou semanário, é um trabalho semanal que fazemos com um resumo do que aconteceu na semana. São 5 páginas: a

capa, com o número da semana, nome das aulas e os professores; outra com meditação da semana; outra com o resumo da minha aula favorita; mais duas que são missão e intercessão; e relacionamentos, onde abordamos sobre como tem sido nosso relacionamento com Deus e as pessoas.

Mas enfim, como eu fazia o meu memorial digital, ela me enviava a nota via *WhatsApp*. Quando abri, estava mais uma nota máxima, lindamente para o meu currículo.

Ela sempre enviava a nota junta a um versículo e, normalmente, eu só o lia e o deixava de lado. Mas, justamente nesse dia, resolvi meditar em cima dele. Um soco é leve em comparação ao que eu levei.

Estava passando por algumas dificuldades na área financeira e Deus abordou comigo justamente a confiança, quando Pedro pediu para andar sobre as águas e Jesus disse: “venha”. Aprendi que, mesmo em meio à tempestade, não podemos nos deixar levar pelo vento, que representa as nossas tribulações. No meu caso, era o dinheiro, meu espinho na carne.

E agora, passando por tantas tribulações relacionadas às finanças do meu casamento, Deus usou a Larissa para falar exatamente a frase que eu tinha escrito no caderno naquele dia:

— Se eu creio que Deus criou cada partícula do universo, por que duvido que Ele não vai cuidar das minhas necessidades? Logo Ele, o próprio criador do dinheiro!



# Capítulo Três

*“Ele não tinha qualquer beleza  
Ou majestade pra nos atrair  
Nada havia em sua aparência  
Para o desejarmos”*

*(Projeto Sola - Isaías 53)*



Voltar para o Brasil foi um extremo processo de confiança. Minha vontade era ficar em Antofagasta e não encarar a realidade me esperando no território do pinhão.

Antes disso, ganhamos de presente da igreja alguns dias em Santiago, capital do Chile. Infelizmente, era novembro e não havia neve. Apesar disso, a vista de cima do Valle Nevado era a coisa mais linda, e bem de longe era possível avistar pequenas áreas brancas nos picos mais elevados da Cordilheira dos Andes.

— Posso não ter tocado, mas já posso dizer que vi neve pessoalmente! — Jonas tentou olhar pelo lado positivo, enquanto encarávamos aquele deserto marrom que, alguns meses antes, estava branquinho.

A alfândega brasileira era até uma piada, já que praticamente não existia. Há dois meses, quando desembarcamos em Santiago,

enfrentamos uma fila imensa para, oficialmente, entrar no país. Verificaram nossas identidades, passagem, tudo. Só o passaporte que não era exigido por causa do acordo da MERCOSUL, mas, por segurança, todos os alunos estavam com os seus muito bem atualizados.

No entanto, em São Paulo, só nos guiaram direto para pegar as malas e, depois, era cada um por si. Como nosso voo era conexão, só iríamos pegar as bagagens em Curitiba.

A saudade de casa era forte. Não apenas da minha parte, mas todos da equipe estavam ansiosos para reencontrar as suas famílias — o que só aconteceria dali a uma semana. Eu, pelo menos, iria ver alguém da minha futura família: meu Lucas.

Falando nele, assim que pegamos as malas no desembarque de Curitiba — que na verdade era São José dos Pinhais, mas todos ignoravam este fato —, caminhei até a porta de saída, que se abria automaticamente, e o vi junto a alguns outros da base, que vieram nos ajudar.

Estar apaixonada é uma das melhores sensações que já experimentei. Olhando ele de longe, dois meses não pareciam nada. Os próximos momentos foram pequenos borrões na minha mente, só me lembro da sensação dos seus braços me rodeando e aquele sentimento de casa em um abraço.

— Como você está?

Apenas balancei a cabeça, indicando que estava bem. Foram tantos anos sonhando em viver um romance que, para mim, ainda

era uma cena irreal e esperava acordar daquele sonho a qualquer momento.

— Meu Deus, que casal hein? Se casem! — Jonas gritou, tirando sarro. Só faltou um buraco para me enfiar, tamanha a minha vergonha.

Deixando um beijo na minha testa, Lucas foi pegando minhas malas para colocar na van da base. O assunto era qualquer um, exceto nosso casamento. Sabíamos que, em algum momento, ele seria necessário, mas preferíamos adiar o máximo possível.



— Meu Deus, como senti saudades desses nossos momentos! — Malu, expressiva como sempre, estava deitada no tapete e falava com a boca cheia de pipoca. — Eu amo essa vida de missões, mas uma das partes mais duras é o tempo longe!

— Vocês já se deram conta de que daqui a poucos dias vamos nos despedir de pessoas que nunca mais iremos ver na vida? — Vica refletiu.

— Vira essa boca para lá, Victoria!

— Ué, mas é verdade e você sabe muito bem disso. Você acha mesmo que vai reencontrar todos os trinta alunos dessa turma? Óbvio que não! Com certeza alguns nós vamos rever, eles vão voltar, missionários sempre se encontram nas bases da vida. Mas e os que voltam para as suas igrejas?

Era sempre assim. Maria Luiza e Victoria eram minhas colegas de quarto na base, e nós três éramos obreiras na mesma escola.

— Eu só sei que não vou sofrer por antecedência. Irei deixar todas as minhas lágrimas para a despedida na formatura! — me pronunciei e levei uma careta da minha amiga esquentadinha.

— Desculpa aí, senhora sentimentalmente controlada! Vou seguir seu passo-a-passo. Aliás, deveria vender um curso de controle dos sentimentos. Nessa era da cursologia, ia fazer sucesso!

— Besta! — Joguei um travesseiro nela, recebendo uma gargalhada alta de volta.

— Mudando totalmente de assunto, sabem a Alice? Estou preocupada, ela ainda não conseguiu pagar a última mensalidade da escola. — Malu era uma discipuladora e tanto, sempre a mais amada e ficava toda preocupada com suas discípulas. — Ela está com medo de não conseguir se formar.

Aquele assunto não era um dos meus favoritos, eu fugia a todo ponto de coisas relacionadas à finanças. Passaram-se três dias e Lucas e eu não tínhamos tocado nisso ainda, mas os dias para o casamento só diminuía. Eu já tentava me contentar com o fato de que ele seria adiado e eu seria obrigada a ouvir meus parentes falando que era loucura planejar um casamento em cinco meses, sendo missionários.

— Deus proverá, temos tantos exemplos aí de pessoas que não tinham um real e o dinheiro apareceu de formas milagrosas. Vamos ter fé!

Fé!

Essa era, sem dúvida, a palavra que eu mais repetia para mim mesma.

— Óbvio que precisamos ter fé mas, ultimamente, tenho refletido sobre como também é necessário prudência e ouvir do Espírito Santo se aquilo realmente está certo, sabe?

— Como assim, Vica? — questionei.

Victoria fez um sinal, pedindo para aguardar enquanto ela organizava seus próprios pensamentos para explicar. Encostei as costas no estrado da cama, com receio do que ouviria.

— Vou tentar explicar, ainda estou processando um pouco sobre, mas bora lá! Muitas vezes queremos tomar atitudes falando que Deus vai prover, como, um exemplo bobo, querer comer uma pizza no final de semana e dizer que somos missionárias, então Deus vai dar o dinheiro de alguma forma. Mas, e se não for para comermos a pizza, e sim um miojo? Estão me entendendo?

Sinalizei para ela continuar o raciocínio. Naquele momento, eu achava que estava entendendo. Ou, pelo menos, esperava.

— A passagem que me fez refletir sobre isso foi o nascimento de Jesus. Quando Maria engravidou, vocês acham que ela pensava que ganharia o filho em uma estalagem? Que o primeiro berço do Messias seria onde os animais comiam? Eu imagino que não. Fico pensando se eles não tinham expectativas de Deus prover algum lugar quando chegassem em Belém. Afinal, eles tinham direito a ficarem na casa da família de José. Mas não, Deus proveu um lugar considerado desonroso para todo mundo. Tipo, nós três, sem

dúvidas, nascemos em melhores condições que o próprio Rei do Universo!

— Você está falando que Deus pode não prover como esperamos? Isso não é nenhuma novidade, Ele é especialista em quebrar expectativas — Malu deu risada, ignorando a profundidade da reflexão.

— Isso é fato, mas traga isso para missões. Todo mundo diz “confie, Deus vai prover, Deus mimá” e tudo isso. Isso é um fato, Ele provê, sou prova viva de ser mimada. Mas quantas pessoas podem ter desistido por criarem expectativas de algo grande, como o primeiro exemplo, de estar com vontade de ganhar uma pizza no final de semana e na verdade o plano de Deus for ela ganhar um miojo da colega de quarto?

— E acabam pensando que, se Deus não proveu como ela queria, significa que ela não deveria estar em missões e acaba voltando para casa? — tentei completar com o que estava entendendo.

— Exatamente!

— Faz sentido — Malu se pronunciou —, com o Natal chegando, fica ainda mais profundo.

Os minutos seguintes se passaram com as três olhando para pontos distantes, refletindo sobre aquela fala. Fui levada para meus sonhos de infância relacionados ao casamento. Sempre quis me casar com vestido de princesa, em uma igreja antiga, com uma festa para todos os meus amigos, e depois passar a Lua de Mel em algum lugar lindo, preferencialmente Paris ou Londres. Hoje, eu

estava mais longe do que nunca dessas idealizações. Mas, lá no fundinho, o Espírito Santo começava a me incomodar sobre as minhas expectativas e frustrações.



— AI MEU DEUS!

O grito de Malu tirou totalmente a minha concentração. Eu tinha criado vergonha na cara e estava com a planilha com todos os custos na minha frente, pensando onde poderia economizar e deixando apenas o estritamente necessário.

— O que foi, Maria Luiza? — questionei, irritada. Ela era sempre espalhafatosa nas reações e, muitas vezes, não era nada demais.

Teve uma vez, logo quando começamos a dividir quarto e eu não estava acostumada com o jeito dela, que a garota deu um grito desses e eu fiquei desesperada achando que ela estava passando mal. Estava indo pedir por socorro quando descobri que era só porque o pintinho da galinha do vizinho do avô dela tinha nascido.

— Malu!!! — a voz de Alice soou do corredor e a garota entrou correndo no quarto.

— Ali, acabei de ler a sua mensagem, como você conseguiu?

Desistindo de fazer qualquer coisa, suspirei, olhando a interação das duas e tentando entender o que tinha acontecido.

— Não sei! Como já te falei, não tenho mantenedor, minha igreja não me apoia financeiramente e meus pais não têm condições para isso. Mas, desde ontem à noite, sem eu postar nenhum tipo de informativo, começaram a cair ofertas na minha conta. Uma foi de uma colega da escola que não vejo há anos, aí teve meu ex-chefe e umas pessoas que não faço ideia de como conseguiram minha conta! Só sei que, em menos de vinte e quatro horas, consegui mais de mil reais de oferta, o que paga justamente a última parcela, a inscrição para a próxima escola e ainda sobra uma parte!

A garota ruiva falou tão rápido que eu simplesmente não entendi praticamente nada. Mas Malu, outra ligada nos 220V, pelo jeito entendeu, pois abraçou a discípula, dando pulinhos.

— Viu, não falei que Deus iria prover?

— Eu sei, só é difícil acreditar, sabe? Mas agora vou indo — disse, conferindo algo no celular —, as meninas e eu estamos organizando um piquenique de despedida das colegas de quarto, e a Alex está enchendo o saco sobre como estou atrasada.

Finalmente percebendo a minha presença e acenando, ela saiu saltitante do quarto.

— Viu, dona Elisabeth?

— Vi o que?

— Como Deus provê? Eu te conheço, sei que está preocupada com a área financeira do seu casamento, mas já tentou entregar nas mãos de Deus?

— Óbvio que já, mas não posso ficar de braços cruzados...

— Elisa, você está pensando até em adiar o casamento!

— Eu tenho que ser realista, e se não aparecer o dinheiro?  
Como vai ser?

— Deus ainda vai te surpreender minha amiga, fique esperando!



R\$ 521,70.

Este era o exato valor que eu precisava apenas para ter meu casamento com efeito civil.

— E não tenho nem um centavo dessa quantia — murmurei, praticamente clamando por socorro.

— Elisa! — O quanto queria ter algo para disfarçar minha cara. Me forcei a sorrir para Alice, tentando não mostrar o quão descontente fiquei em ser atrapalhada. — Você tem um minutinho?

— Pode ser depois? Eu estou um pouco ocupada...

Precisava achar Lucas urgentemente para chegarmos a uma solução. Mas o adiamento do casamento era inevitável, nem a taxa do cartório eu tinha ainda.

— Por favor!

Respirando para não revirar os olhos, assenti. Nós andamos até o balanço, do lado da capela na base. Esperei, com toda a

paciência que eu não tinha, mas o Espírito Santo estava me dando, que ela começasse a falar.

— Então... — Alice coçou a garganta, me irritando com a demora —, lembra do dinheiro que ganhei de ofertas? Fui no seu quarto, até! — Balancei a cabeça, indicando que lembrava muito bem do surto dela. — Fui orar, a contragosto, sobre o que deveria fazer com o valor que sobrou após pagar a última mensalidade da escola. E, bem... Deus mandou eu dar o dinheiro para você.

Eu normalmente era bem lerda para entender as coisas, percebe-se pelo fato de ter visto Lucas saindo da minha casa, quando ele foi lá em julho, e nem suspeitar que ele tinha algum sentimento por mim. Então minha mente demorou a raciocinar sobre o envelope que Alice me estendia.

— Elisabeth?

— Por que? — foi a única coisa que consegui falar, em meio ao turbilhão de sentimentos que sentia.

— Não sei, sinceramente! Eu queria muito pagar a próxima escola, mas entendi que esse dinheiro nunca foi meu, e sim que eu fui um meio dele chegar a você. Sei que, se for da vontade de Deus, o que eu preciso vai aparecer. Espero que seja útil para você, Deus abençoe!

Deixando o envelope no meu colo, ela foi se levantando em direção ao dormitório das alunas.

— Alice! — Sem pensar muito, deixei o envelope no banco do balanço e fui na direção dela, dando um forte abraço. — Muito obrigada, foi uma resposta de oração. Desculpa por não ter

respondido, confesso ter ficado totalmente sem reação, não esperava.

— Nós cristãos somos engraçados, oramos pedindo coisas para Deus, mas nunca acreditamos que Ele vai nos responder!



# Capítulo Quatro!

*“Podem me tirar o ouro e a prata e a minha casa  
A minha família e os meus amigos,  
Só não me tire meu Senhor  
És tudo pra mim  
A canção não mudou  
Continuo dizendo: Te amo”*

*(OneSound - Canção do Publicano)*



Eu nem olhei a quantia. Após o “*tapa*” que levei de Alice, coloquei o envelope no bolso da *japona* e saí em busca do meu noivo.

— Você não sabe o que eu acabei de receber — sussurrei no ouvido dele, levando o mesmo a derrubar os lápis que estavam no colo.

Encontrei Lucas no campo. Provavelmente, estava orando ou apenas concentrado em escrever alguma aula, tão focado que nem me escutou chegando perto. Eu amava fazer isso com ele.

— Oi, Elisa, o que aconteceu?

Juntando os lápis e folhas, ele abriu um espaço na *canga* para que eu sentasse do seu lado.

— Acabei de receber uma oferta da Alice! Não vi a quantia ainda, mas já é alguma ajuda para a nossa preocupação número um: o cartório.

Entregando para ele o envelope, encostei a cabeça no seu ombro e peguei meu celular para responder as mensagens que eu tanto deixava no vácuo.

— Amor, quanto é a quantia que precisávamos?

— Que *precisamos* — corrigi —, quinhentos e vinte reais, por quê?

— Aqui tem exatamente quinhentos e vinte!

Ergui o corpo abruptamente e puxei o papel da mão dele. Contei uma, duas, dez vezes para ver se não tinha algum engano. Mas não.

“Oramos pedindo coisas para Deus, mas nunca acreditamos que Ele vai nos responder.”

A frase dita por ela voltou à minha mente e percebi o quanto era grande a minha falta de fé, quanto eu era incrédula que Deus poderia realizar milagres.

— Temos um casamento para marcar, vamos?



Eu não tinha percebido o ar que segurava até colocar os dois pés para fora do cartório e conseguir respirar novamente.

A primeira etapa tinha sido concluída. Agora só faltava todo o resto, mas, pelo menos, uma coisa já estava pronta. Infelizmente, não conseguimos a data que queríamos, foi necessário adiar em quase uma semana o casamento civil. Seria apenas um dia antes do religioso, mas estava tudo bem.

— Quer tomar um sorvete?

Um sorriso involuntário surgiu no meu rosto. Lucas me conhecia bem e sabia como me acalmar usando o meu doce favorito.

— Agora, a gente precisa pensar no local para o religioso — pontuei, enquanto levava a colher do sorvete de morango com calda à boca.

— Então, queria conversar sobre isso.

Por um momento, senti todo o mundo parar, mas não era um parar bom. Não sei explicar, mas em milésimos de segundos mil possibilidades passaram pela minha cabeça e, em todas, Lucas dizia, de alguma forma, que não poderíamos casar no religioso.

— O concílio me convocou ontem!

Concílio era o grupo de líderes da base, normalmente os missionários mais velhos, considerados “dinossauros” das missões. E, na cabeça das pessoas, ser chamado pelo concílio nunca era algo bom, e sim sempre para levar bronca. Obviamente, foi o que passou na minha também.

— E?

— E eles estavam conversando sobre nós dois, nosso casamento e...

— Fala logo, Lucas! — Perdi a paciência com todas as voltas que ele dava, me deixando apenas mais ansiosa.

— Eu sei que não era o nosso plano inicial, mas eles ofereceram a base para casarmos. Podemos usar o campo, se estiver sol, ou a capela, caso chover.

Estava explicado a enrolação dele. A base era o último lugar no qual eu sonhava em me casar. Tá, não vou exagerar dizendo que exatamente o último, mas, com certeza, não era um dos favoritos.

Ah, sobre o campo (acho que já devo ter comentado sobre ele, mas preguiça de conferir, enfim!), a nossa base era grande — apesar de bem menor que muitas por aí —, e, junto a ela, existia um espaço onde fizeram um campo de futebol. Nele, tinham vários banquinhos espalhados para sentar, e é isso.

Voltando...

Eu amava aquele lugar, mas era complicado pensar em casar lá. Um, porque um dos meus sonhos era casar em uma igreja (ultimamente tinha aceitado até uma chacara, muito linda por sinal, mas levamos aquele golpe). Outro, porque casar lá teria, que tecnicamente, convidar todo mundo. Afinal, estaria tendo uma festa no quintal da casa da pessoa e ela não comparecer é muito, mas muito chato. Minha mãe surtaria.

— Eu não sei, acho melhor não.

— Elisab...

— Vamos confiar, certo? Deus vai prover um lugar para nós.

Durante o resto do passeio, fiz o possível para esquecer a conversa com Victoria no quarto, que teimava em querer vir à minha mente. Não tinha possibilidade de Deus frustrar meus sonhos, não tinha!



Quando eu era pequena, sempre que ficava revoltada, corria para o meu quarto e sentava emburrada na cama. Lembro que, uns cinco minutos depois, escutava a batida de papai na porta rosa pink, e logo aparecia a cabeça dele.

— Posso entrar?

Eu assentia e ele se sentava do meu lado e começava a me repreender, com uma voz calma. Se eu fechasse meus olhos, seria possível sentir ele me puxando para o colo e me abraçando, enquanto a Elisabeth criança contava, entre lágrimas, porque era injusto não ganhar aquele brinquedo.

E, nesse momento, tudo o que eu mais queria era sentir novamente o abraço dele. Mas ele estava longe demais para isso.

Uma das coisas mais difíceis da vida missionária era a renúncia da família, não poder estar ao lado daqueles a quem mais amamos. Nesse momento, tudo o que eu queria era meu pai e minha mãe. Eu iria casar em dois meses e não tinha as pessoas mais importantes da minha vida ao meu lado para planejar. E, por

causa do casamento, também não tinha condições de ir visitá-los no final de ano. Passaria as férias na casa de uma prima que morava em Piraquara, cidade vizinha de Curitiba.

Com as bochechas molhadas, eu cantarolava a música tão dolorida para mim: “Podem me tirar o ouro, a prata, minha casa, minha família, meus amigos, só não me tirem meu Senhor.”

Eu fiz essa oração há alguns anos. Eu renunciei a tudo para obedecer a voz de Deus, tudo.

— A canção não mudou, continuo dizendo: Te amo!

Só queria poder abraçar a minha mãe, conversar com ela. Não poderia vê-la nem mesmo no recesso. Morar quase do outro lado do país tem seus custos e eu não tinha como arcar para uma viagem, ainda mais que eles já viriam para cá no final de janeiro. E nem crédito eu tinha para poder ligar e chorar com ela, Wi-Fi era só na região do quarto e eu não suportaria as pessoas em cima de mim.

— Pai, eu estou tão cansada — comecei a orar baixinho, desabafando com Deus. — Estou cansada de ficar preocupada, cansada de ter que renunciar tudo, tudo, até mesmo os sonhos do meu casamento. Eu só queria ter alguma coisa no controle, não me sentir sozinha, sempre a desesperada por dinheiro. É tão difícil confiar...

Estava tão concentrada na oração que foi inevitável levar um susto com o barulho de notificação no celular. Peguei o aparelho e vi uma mensagem de Lucas: *“Oi amor, coloquei crédito para você, liga para seus pais, desabafa com eles. Te amo!”*

Um soluço escapou dos meus lábios, me sentindo cuidada pelo meu noivo, mas, principalmente, por Deus.

Imediatamente entrei no *WhatsApp* e cliquei para começar uma videochamada com minha mãe. Durante aqueles vinte minutos, desabafei sobre tudo: sobre como estava cansada e não conseguia falar com Lucas, falei das dúvidas do casamento, dificuldade financeira, confiar, o sentimento de solidão que me assolava naquela base.

— Filha, você crê que foi Deus quem te chamou? — Balancei a cabeça positivamente para a pergunta de papai. — Então por que duvida que Ele está cuidando de você? Meu amor, vocês já viram, hoje mesmo, aparecer o dinheiro do nada para marcar o cartório. Se lembre de Provérbios 16:1, você pode até ter sonhos, mas a vontade certa vem do Senhor!

Ficamos mais alguns minutos conversando antes deles desligarem, pois minha irmã caçula estava chamando no banho. Limpando as lágrimas, sussurrei a última frase da música antes de levantar e voltar para o meu quarto:

— Tú és meu tudo, nada mais importa.

Estava louca para deitar e dormir até o dia seguinte, mas meus planos foram frustrados quando abri a porta e vi Vica e Malu deitadas no chão com duas caixas de pizza do lado.

— Misericórdia, que demora, Elisabeth! — Malu levantou, se espreguiçando. — Compramos pizza, íamos fazer uma surpresa te mandando buscar no portão, mas a bonita resolveu aparecer cinco minutos *depois* da pizza chegar.

Rindo do jeito dela e me desculpando apenas por educação, sentei no chão e abri as tampas, vendo os sabores.

— Ué, por que vocês pediram meia de prestígio? Eu sou a única daqui que gosta...

— Exatamente, *you* gosta. Eu faço essa renúncia e como um pedaço desse puro açúcar que *you* chama de pizza — Vica explicou, me abraçando.

Durante as próximas horas nós três comemos, rimos e até levamos bronca pela altura do barulho depois das 22 horas. Ali eu percebi que sim, nós renunciávamos nossa família de sangue, mas Deus nunca nos deixava só. Em missões, eu tinha ganhado uma família de coração e, ao ver todos ali, fechei os olhos agradecendo por como Ele pensava em cada detalhe.



# Capítulo Cinco

*“Numa folha qualquer  
Eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas  
É fácil fazer um castelo”*

*(Toquinho - Aquarela)*



Essa era a quarta formatura que eu participava, e em todas me emocionava. Obviamente, a melhor até hoje foi a minha. Mas, quando os alunos foram se levantando, cada um proclamando um versículo em um idioma diferente, foi impossível não deixar uma lágrima escorrer.

— Obrigada! — agradei pegando o *banoffe*, doce típico paranaense feito com banana e doce de leite. Estava sentada no canto do refeitório, apenas olhando todos se divertindo.

— Nervosa? — minha antiga discipuladora questionou, sentada ao meu lado. — Oito semanas, não é?

— Eu não estou nervosa! — menti, mais para mim do que para ela.

— Duvido! Lembro que, quando eu ia casar com Gabriel, estava uma pilha de nervos.

Ela ficou em silêncio e, pelo seu olhar distante, Marta provavelmente estava revendo o momento ocorrido há tantos anos.

— É normal essa vontade de desistir? — confessei um dos meus temores. Ela já me disciplinou e sabia bem como funcionava a minha cabeça.

— Todos os dias. Inclusive, depois do casamento, já tive alguns surtos. Gabriel sofreu comigo.

Sorri do jeito que ela deu de ombros, rindo como se não fosse nada demais.

— Mas vai ser a melhor escolha que você fará na sua vida. Apesar dos surtos, eu jamais teria escolhido outra vida que não ao lado dele. O casamento vai ser uma escola de santificação, são dois pecadores se unindo. Você ainda vai errar muito, Elisabeth, vai magoar muito ao Lucas, e ele também a você. Mas nenhum dos dois jamais deve esquecer que o foco não é essa aliança terrena.

— Aff, quando crescer quero ser tão inteligente quanto você!

Uma risada alta escapou dos lábios dela. Era algo raro levando em conta a personalidade introvertida da mulher. Me abraçando, ficamos ali por horas, com ela contando algumas histórias do seu pré-casamento. E, depois, chegou Gabriel com Lucas contando o lado dele, e de um jeito bem mais divertido e brincalhão do que a seriedade da esposa.

Eu admirava muito aqueles dois, a cumplicidade gerada por anos de casamento, a humildade. A história deles era a coisa mais linda e eu fui uma das poucas a receber de presente um livro escrito pela própria Marta, narrando a história deles. A obra nunca foi

publicada oficialmente, mas ela fez algumas edições de “*Uma Oração de Amor*” para os mais próximos.

Vendo Gabriel implicando e o sorriso bobo dela direcionado ao marido, orei silenciosamente para ter um casamento igual ao deles.



Os dias passavam mais rápido do que eu achava ser possível. Muito, muito, *muito* mais rápido.

Após a conversa com Gabriel e Marta, os dois se ofereceram para nos dar um curso de noivos. Só faltei ajoelhar no chão para agradecer, pois eu tinha esquecido totalmente desse detalhe.

Há alguns minutos minha mãe me ligou, falando que não era para me preocupar com o vestido de casamento, pois uma amiga dela tinha se oferecido para me dar de presente. O problema? Eu só o veria no dia, mais exatamente na hora do casamento.

— E se eu ficar feia? — lamuriei para Malu e Vica, levando as duas a rirem.

— Elisabeth, você já se olhou no espelho? Você é linda, garota! Nem com um saco de batatas fica feia!

Dei de ombros, não confiando nem um pouco na opinião de Victoria.

— Eu tive uma amiga que, uma vez, recebeu o vestido faltando uma semana e precisou ir correndo alugar outro, pois não combinou com o corpo dela. No meu caso será um dia, *um dia*! Não vai dar tempo nem de pensar no dinheiro para isso!

— Relaxa, amiga, é tua mãe, vai dar tudo certo. — A morena me deu um beijo na bochecha e levantou para ir à manutenção.

De última hora, minha prima precisou viajar e eu não poderia mais ficar na casa dela. Minhas duas melhores amigas abdicaram das próprias férias para me fazer companhia e ajudar na organização de tudo. Realmente Deus nos dá uma nova família em missões!

Diego tinha liberado nós três de realizar a manutenção na base para reformarmos minha futura casinha.

— Eu não acredito que daqui a uns dias seremos apenas nós duas — Malu fez seu drama enquanto estava deitada no chão, por causa do calor, e com uma mancha de tinta bege na cara.

— Olha pelo lado bom, pelo menos eu vou ter a cama solo apenas para mim!

Os minutos seguintes foram de discussão das duas sobre quem ficaria com a minha cama. Vou explicar: em cada quarto do pavilhão feminino existem duas beliches e uma cama de solteiro. Por ter sido a primeira a chegar, obviamente peguei a de solteiro, e agora uma das duas ficaria com a queridinha.

— Se vocês ficarem aí discutindo, vão perder o horário do coral! Lembrem que o Lucas disse sobre chegar lá cedo?

Como teria que ficar em Curitiba mesmo, nós combinamos de assistir ao famoso coral de Natal do Palácio Avenida. Já ouvia falar há muito tempo dele, através dos jornais noticiando. Mas, pela primeira vez, assistiria presencialmente à apresentação. Infelizmente, por ser muito famoso, lotava rápido e, por isso, era necessário chegar ainda de tarde, mesmo começando mesmo só às 20:15h.

Para você ter uma ideia, quando nós saímos de casa ainda eram umas três e, ainda sim, pegamos um trânsito legal. Lucas nos deixou e foi procurar um estacionamento. Ele voltou quase meia hora depois e passamos o dia andando nas lojas. Quando começou a encher, já fomos procurar um lugar. Meu noivo foi inteligente e levou algumas cadeiras mas, rapidamente, percebemos que seriam inúteis, pois não enxergaríamos nada.

O prédio era lindo. Meu lado historiadora já tinha feito toda a pesquisa histórica sobre ele. Eu achava muito mais profundo visitar um lugar já conhecendo a sua história.

Foi inaugurado em 1929 e, ao longo do tempo, abrigou diversas lojas, cafés e coisas do tipo. Porém, ficou longos anos abandonado até ter sido comprado por alguma empresa asiática e, em 2016, foi vendido para o Bradesco, se tornando a sede regional da organização.

— Sabia que os espetáculos acontecem desde 1991? — comentei com Lucas e o mesmo assentiu.

— Você nos contou toda a história no carro, amor.

Virei a cara, mas ele me puxou para um abraço de lado pedindo mais informações que eu porventura não tivesse contado. No caso não existia, provavelmente já narrei tudo para ele.

A cada dia, nosso casamento se aproximava, e a vontade de ficar mais perto dele aumentava. Marta estava sempre me alertando para tomar cuidado com isso e, muitas vezes, percebia a intromissão da mulher com Hadassa, sua filha mais nova, quando reformávamos nossa casa. E se ela não ia presencialmente, dava um jeito de enfiar alguma terceira pessoa no lugar, até mesmo Davi, outro filho dela, já apareceu por lá. Obviamente, eu agradecia, conhecia meu lado pecaminoso, seria fácil cair.

— Vai começar! — Malu gritou, dando pulinhos enquanto apontava para o apresentador aparecendo.

Os pisca-piscas eram a coisa mais linda, junto com as projeções de desenhos na parede do palácio. O rapaz deu os principais avisos e fiquei admirada com a menção sobre as várias ambulâncias espalhadas em volta. Se tem aviso é porque já teve história. Temi sobre quais foram aquelas histórias e orei silenciosamente para não se repetirem.

Minutos depois, tudo ficou branco.

Eu me emocionava fácil. Logo, ninguém se surpreendeu com meus olhos cheio de água quando as primeiras janelas se abriram e as crianças apareceram cantando *Aquarela*, do Toquinho.

O tema daquele ano era “*As Cores do Natal*”, então as músicas tinham ligações com isso.

Confesso ter ficado preocupada pois, por um bom tempo, não tocaram nenhuma música relacionada com o Natal em si, apenas canções populares brasileiras. Mas, quase no final, iniciaram as canções natalinas.

Uma das coisas que mais admirei foi a dinâmica da apresentação: o fecha e abre das janelas, a troca das vozes entre as crianças e as animações nas paredes do prédio, super sincronizadas até as linhas batendo com as janelas.

Foi lindo, mas teria sido mais lindo ainda se o foco fosse realmente o nascimento de Jesus, o verdadeiro significado do Natal. Era triste perceber o quanto se perdeu a importância e se tornou apenas uma data comemorativa para a troca de presentes. Ainda tinha um certo significado, como a questão das tradições familiares, mas não era a verdadeira, não tinha a profundidade do nascimento do Salvador.

— Você sabe que Jesus não nasceu em dezembro, né? — Victoria comentou, quando externalizei meus pensamentos.

— Chegou a militante. — A zombaria de Malu foi a cereja do bolo para a morena iniciar seu discurso de como dados históricos indicavam o nascimento do Messias de março à julho, podendo ser até em outubro, mas totalmente sem fundamento ser em dezembro.

— O imperador...

— O imperador não era louco de fazer as pessoas viajarem para o censo nas cidades em pleno inverno. Você já falou disso, Victoria Aparecida! — Maria Luiza completou, debochando.

A discussão das duas se manteve enquanto tentávamos ir embora, o que não estava se mostrando uma atitude fácil.

O palácio ficava entre as famosas Rua XV e a Travessa. Na verdade, eram mais calçadas do que ruas em si, pois não passavam carros, mas eram os nomes dados.

Uns quinze minutos depois, conseguimos chegar ao estacionamento onde Lucas tinha deixado o carro. Em dias normais seria dois minutos, para você ter ideia.

Dei alguns palpites aqui e ali, mas foi Lucas quem trouxe o assunto para si pontuando a comemoração do significado, e não da data específica em si, mas o quanto aquilo trazia um senso sobre pensarmos no nascimento do Rei do Universo.

— Bora aproveitar o caminho e vamos de Brutus Burger? — meu noivo deu fim à discussão nos levando para a melhor hamburgueria do mundo, na minha humilde opinião!



# Capítulo Seis

*“Ó! Vinde fiéis, triunfantes e alegres  
Sim, vinde a Belém, já movidos de amor  
Nasceu vosso Rei, o Messias prometido  
Ó vinde adoremos  
Ó vinde adoremos  
Ó vinde adoremos  
Ao nosso Senhor”*

*(Projeto Sola - Oh Vinde Adoremos)*



Nada estava saindo conforme o planejado.

Sentada na mini escadaria do dormitório, tinha recém-saído do concílio, onde finalmente aceitei a proposta para realizar o meu casamento na base mesmo.

Os alunos e a maioria dos obreiros tinham ido embora, nem a cozinha funcionaria mais a partir de depois de amanhã. Então, o temido concílio nos chamou, questionando pela última vez se faríamos ou não. Nesse meio tempo orei muito, e Deus confirmou das mais diversas formas que sim, era para ser realizado ali.

Meu casamento não seria feito em uma linda e enorme igreja medieval nem em uma chácara.

Meus sonhos de menina iam caindo um por um, igual aos castelos de areia que eram cuidadosamente montados, mas eram desmanchados quando vinha a forte onda do mar.

E, daqueles degraus, estava tentando imaginar como ainda poderia reconstruir meu castelo de areia, mesmo com todas as circunstâncias querendo derrubá-lo.

*Não, não construa sua casa na areia  
Não, não construa na beira do mar  
Mesmo que pareça chique  
É impossível que ela fique  
A tempestade a vai derrubar*

Dei risada quando a música infantil veio à memória, um propício momento para a minha mente ressuscitar aquilo. Fechei os olhos, tentando relembrar os versos seguintes.

*A rocha é o lugar de construir  
Um alicerce forte que não vai cair  
As tempestades vão e vêm  
Mas a paz de Cristo tu tens*

Não era para reconstruir meu castelo de areia. A tempestade iria derrubá-lo, era frágil, ao menor vento poderia ser levado, estragado, amassado, destruído. Mas, se eu o fundamentasse na Palavra, na Rocha Verdadeira, não teria vento, aflição ou qualquer coisa para o fazer ruir, pois uma casa bem edificada pode receber a chuva, rios transbordantes, ventos e ela não desabará, pois firme é a rocha que é Jesus.

*“É da natureza do homem fazer planos, mas a resposta certa vem do Senhor”*

O versículo de Provérbios 16 encontrou o melhor momento para terminar de destruir e me convencer a aceitar aquilo. Eu tinha orado para se realizar a vontade do Senhor, não poderia fugir agora, não mais.



— Oh minha querida, você pode me ajudar com os talheres?

Uma das vantagens de não ter ido para casa era me aproximar mais da família do meu noivo. Lucas cresceu em Almirante Tamandaré, a casa dele ficava em torno de cinquenta minutos da base e, para a noite de Natal, seus pais me chamaram para passar com eles, e também convidaram a Malu e Vica.

Eu já conhecia meus sogros. No semestre passado, antes mesmo de pensar em um relacionamento, eles foram a um evento da base, no qual tivemos a oportunidade de nos conhecermos. Eu já amava dona Thays, porém, como sogra, ela era maravilhosa.

Era engraçado pensar como cada família tinha uma tradição diferente de Natal. Na minha, normalmente, era só o jantar com a abertura dos presentes. Na do meu noivo, eles eram fanáticos pela data. Toda a casa era decorada e havia um momento de culto, além de permitirem que os presentes fossem abertos apenas após a meia-noite.

Falando nele, enquanto olhava-o brincando com os sobrinhos, fiquei imaginando como seria a nossa própria tradição dentro de casa.

— Ele vai ser um ótimo pai! — Luana, minha cunhada e gêmea de Lucas, me assustou. — O Lu sempre foi apaixonado por crianças.

Não consegui lhe responder, segundos depois ela foi ajudar a mãe a terminar a mesa. Ainda não tinha caído a ficha do quão perto estava o meu casamento. Daqui a algumas semanas eu seria esposa, dona de casa e, em breve, mãe também.

Os discipulados com a Marta vinham sendo extremamente úteis. Muitas coisas ela me tranquilizava sobre a vida de casados, mas, em muitas coisas, puxava a minha orelha sobre o quão inocente eu era, e a realidade da vida a dois, sem máscaras.

*— Eu sempre fui uma pessoa de não expor sentimentos. Tinha medo de falar, achava que a minha vontade não era válida, que ninguém iria prestar atenção em mim, por isso não falava as coisas. Já Gabriel também não expunha, mas ele era assim porque precisou guardar muitas coisas para ser forte com a mãe e irmã após a morte do pai, e não sabia ser vulnerável. Ambos sofremos muito, pois ficávamos remoendo e uma hora vinha a explosão.*

Eu, Elisabeth, não me considerava uma pessoa difícil de lidar. Principalmente na área sentimental, tinha momentos que achava que me expunha até demais. Porém, meu problema era não saber dizer o bendito “não”. Estava sempre permitindo tudo, e não sabia colocar limites nas pessoas.

— *Será que estou casando muito cedo? — Ihe questioneei. — E se, por causa disso, eu não aprender os defeitos dele? Será que deveríamos namorar mais, como tantos dizem?*

— *Olha, eu tenho quase trinta anos de casada e todo santo dia aprendo um novo defeito sobre Gabriel Mendes. Então, você ficaria mesmo namorando por trinta anos?*

Graças a Deus não tive a oportunidade dos meus pensamentos irem muito longe. Logo meu sogro veio nos chamar para o culto de Natal.

Naquelas poucas horas de louvor e adoração, meus pensamentos se dissiparam das preocupações cotidianas com o casamento. Foi um verdadeiro bálsamo no meio daquele caos.

Lucas tinha sido o escolhido da família para trazer a Palavra. Eu já sabia, pois, alguns dias antes, ele tinha me procurado para conferir se seu sermão estava correto. Ele, todo teólogo como era, preparou uma rápida explicação desde a Eternidade até o Messias, explicando as profecias, quedas do reino e os quatrocentos anos de silêncio, e o quanto aquele período foi importante para o marco do ano zero, no calendário cristão.

— Novamente, Deus não perdeu o controle da História. Toda a História já contada até aqui apontava para a vinda do Messias, desde a Eternidade. E a plenitude dos tempos chegou, Roma era o centro do mundo conhecido, uma única língua, uma única cultura, diversas rodovias que facilitavam a locomoção. Nunca fora tão fácil espalhar o Evangelho!

*Deus não perdeu o controle da história!*

*Deus não perdeu o controle da história!*

*Deus não perdeu o controle da história!*

Repetia continuamente aquela frase. Parecia como se ela estivesse sendo escrita em brasas no meu coração, para nunca mais sair de lá, deixar fixada para o resto da minha vida.

Após aquilo, minha mente ficou dispersa.

Meus olhos estavam concentrados na manjedoura embaixo da árvore de Natal, no Rei do Universo que nasceu nas piores condições possíveis, que teve uma vida simples, mas veio para me salvar do meu lamaçal de pecados.

— Dados históricos indicam que Cristo não nasceu em 25 de dezembro, mas não quero entrar em debates teológicos sobre a data, e sim, falar que mesmo que ele tenha nascido, sei lá, em abril, o importante é voltarmos nossos olhos para a cruz. Há 2019 anos atrás o próprio Deus estava se fazendo carne, se tornando 100% homem, e mesmo assim nunca pecou, para salvar a mim e a você. Que nunca percamos esse profundo significado do Natal: não é apenas sobre presentes e comunhão, mas sobre celebrar a vinda do Messias ao nosso mundo!

Após seu encerramento, foi tocado “*Ó Vinde Adoremos*” e “*Isaías 53*”, do Projeto Sola — que para constar é minha banda favorita da vida.

Pedindo licença enquanto eles arrumavam as coisas para a abertura dos presentes, caminhei até a sacada, observando as estrelas.

Meu coração ainda estava resistente em ter todos os meus sonhos destruídos. Porém, naquele momento, Deus me mostrou como minhas expectativas não eram nada comparadas ao que Ele planejava fazer, e isso não significava que seria o mais luxuoso.

Durante a pregação de Lucas, me comparei com os próprios judeus.

Eles tinham muitas expectativas para o Messias. Esperavam um rei, um soldado que derrotaria os romanos e traria a glória de Davi novamente a Israel. Porém, não foi isso que aconteceu. Pelo contrário, seu Messias veio em uma família humilde, cresceu em Nazaré — cidade extremamente desvalorizada, seria considerada uma das piores favelas dos nossos dias —, e não realizou atos contra Roma. Os seus próprios sacerdotes não o reconheceram, pois seus olhos estavam fixados em suas expectativas. Porém, o plano da sua vinda foi muito maior, pois Ele não veio para derrotar os Romanos e sim o Império das Trevas.

E eu não estava muito diferente. Minhas expectativas estavam tão fixadas nos meus próprios sonhos, algo nunca prometido por Deus, que eu estava perdendo a importância dos simples momentos e sobre o que realmente era o casamento.

“Eu não perdi o controle da história, Elisabeth!”

Não sei explicar como ouvi aquela frase. Não foi voz audível, mas ao mesmo tempo era uma sensação clara. Eu tinha certeza absoluta que aquele pensamento não era meu, e sim o Espírito Santo falando ao meu coração.

Sem perceber, meus olhos encheram-se de água.

A força daquela declaração, a certeza que ela me trouxe, a paz e convicção.

— Amor, está tudo bem? — Lucas chegou por trás devagar, e demorei a perceber a sua presença. — Só falta você para abrir os presentes!

Quando me virei, ele se assustou ao ver meus olhos vermelhos. Rapidamente expliquei que não se tratava de algo ruim. Pelo contrário, era muito bom, bom demais, uma sensação indescritível.

Mesmo hoje, enquanto escrevo esse relato a você, ainda lembro quão forte foi aquele momento na minha vida, o quanto carrego essa convicção até hoje.

Deus não perdeu o controle da história, e a minha vida faz parte disso. Ele nunca perdeu o controle dela, pelo contrário, a fazia da melhor maneira possível preparando o mundo para a segunda vinda do seu Filho.



# Capítulo Sete

*“O que será que meu Deus pensava  
Quando criou você?  
Acho que Ele estava pensando em mim  
Por que me deu mais do que sonhei  
Deu muito mais do que eu podia imaginar”*

*(Leonardo Gonçalves - Quando Deus Criou Você)*



Aquele dia estava sendo perfeito!

Deus era bom em surpreender.

Por causa do carnaval, que era dali a duas semanas, meus pais tiveram o voo cancelado diversas vezes. Eles acabaram chegando apenas na sexta à noite e, por causa do cansaço da viagem, não tive a chance de experimentar o vestido antes — constando que sim, eu insisti muito, ansiosa como era. Mamãe também era costureira, ela disse que se precisasse de algo ela arrumaria.

Aliás, graças a Deus eles conseguiram chegar.

Há algumas semanas saíram notícias sobre um vírus que surgiu na China. Ainda não existia nada concreto sobre ele, porém o mesmo já tinha chegado na Europa. Não tinham casos confirmados

no Brasil, mas era temível que logo também fechariam os nossos aeroportos.

Jamais imaginaríamos o que seria o coronavírus. Eu mal sabia que, menos de um mês depois, nossas vidas virariam de ponta cabeça. Ainda bem que, naquele momento, eu ainda estava iludida nas expectativas dele não se espalhar e acabar rápido. Não precisava de mais um estresse para o meu dia de noiva.

Eu estava me sentindo literalmente naquele programa do SBT, o *Fábrica de Casamentos*. A diferença é que era a versão crente e pobre dele. Faltavam doze horas apenas e eu não sabia nem como estava a decoração. Fui proibida de sair do dormitório e as cortinas foram todas tapadas com tecido TNT para que eu não expiasse o campo.

Precisei apenas confiar nos meus amigos e no que Deus estava provendo.

— Vamos?

Sentada no sofá do dormitório feminino, olhava com nostalgia pensando que, depois de anos morando ali, agora seria apenas mais um pavilhão da base onde eu visitaria minhas amigas.

Para evitar estresse, tínhamos decidido que me arrumaria ali na base mesmo. As meninas pegaram um quarto que não estava sendo usado e transformaram no meu estúdio de embelezamento próprio. Ali, eu já tinha feito as unhas, maquiagem, cabelo, ganhei até massagem.

E agora seria a tão temida hora do vestido.

Expulsando todas do quarto, permaneceram apenas eu, mamãe e Marta. Eu tinha pedido para a minha discipuladora também estar ali, pois ela foi alguém muito importante nessa minha caminhada em missões, considerava-a uma segunda mãe praticamente. Com seu jeitinho introvertido, a mulher quase não falava, mais olhando e nos auxiliando. Depois de casar dois filhos, ela sabia bem o que fazer.

— Agora, você vai colocar isso aqui. Pedido da sua mãe e das suas amigas — explicou, com as mãos erguidas para o meu olhar questionador sobre a venda estendida.

— Não vai borrar a maquiagem?

— Para de desculpa e coloca logo, Elisabeth! — mamãe ordenou, com a mão na cintura. — Maquiagem a gente arruma depois. E você nem ouse colocar a mão no vestido para tentar adivinhar a textura enquanto estivermos te vestindo, vai esperar para ver no espelho.

Se eu tocasse na veia do pescoço, era possível perceber claramente o quão acelerado meu coração estava. Mas, obviamente, não fui louca, seria morta pela minha genitora se ousasse mexer os braços fora do comando dela.

Senti o vestido deslizando pela minha pele. Gentilmente, as duas foram colocando pelo meu braço, com isso percebi ser manga curta. Graças a Deus, pois mesmo sendo de Goiás, após dois anos morando em Curitiba, me acostumei com o verão daqui. E hoje estava sendo um dia ameno, mas o vestido não ajudava a não passar calor.

Pelo menos não é inverno. Com certeza morreria com -0° e não podendo usar vinte moletons, pensei.

Os minutos pareciam horas de dias. Com o silêncio ensurdecedor, era possível ouvir apenas o barulho do tecido pelo quarto.

— Relaxa, Elisa, você está linda! — Marta sussurrou no meu ouvido, enquanto abotoava o botão nas costas.

Balancei a cabeça, mas era impossível relaxar com a pressão que ameaçava me sufocar a cada segundo com aquela venda nos olhos. Aos poucos comecei a perceber que viria uma crise de ansiedade. Era justamente tudo que eu não queria nesse momento e nesse dia.

Levei um susto ao sentir minha mão ser segurada, mas era apenas a Mendes.

— Um, dois, três, quatro. Um, dois, três. Um, dois, três, quatro, cinco, seis...

Ela tinha me ensinado essa contagem há dois anos, quando tive minhas crises durante a escola de entrada. Prestando atenção apenas na voz dela, fui fazendo os exercícios de respiração e aos poucos aquele sentimento opressor foi se esvaindo.

Assim que ela parou de contar, uma música baixa começou a tocar, reconheci ser *When God Made You*, do Newsong e sabia que era obra de mamãe. Quando era mais nova, amava ficar ouvindo essas músicas românticas com ela no carro.

— Pronta? — ela sussurrou, questionando.

As duas me viraram, provavelmente na direção do espelho embutido no guarda-roupa. Assenti e, sem esperar, a venda foi desamarrada e puxada dos meus olhos.



Nunca tinha me sentido tão linda!

Sem permissão, lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos, bem quando iniciou-se a ponte da música: *“Nós dois agora somos um; E bate um só coração; Junto sempre viveremos; Para sempre amaremos; E assim eu posso perceber; Não sou nada sem você; Você é inspiração; Move o meu coração”*.

O vestido era exatamente como sempre sonhei e, mesmo sendo mais simples, era muito mais lindo do que aqueles salvos na minha pasta do *Pinterest*.

Estava paralisada mas, com uma força sobrenatural, mexi o corpo, vendo a saia balançar com meu movimento.

Ele era estilo princesa, com uma saia não tão grande, mas também não tão pequena ao ponto de ser confundido com um normal. O corpete era em formato de coração, mas subia com uma renda floral até o pescoço, e os braços igualmente.

Por causa do meu peso, eu tinha muito medo de ficar feia como noiva, de como ficaria o excesso de barriga encaixado no corpete, os braços grossos. Porém não, tinha ficado simplesmente perfeito!

— Eu estou linda!

Virei para mamãe, que também estava em prantos ao ver a sua primogênita pronta para casar.

— Minhas orações foram atendidas, desde quando você nasceu pedia a Deus para dar alguém que te merecesse e... Desculpa!

Marta entregou um lenço de papel para ela enxugar as lágrimas, e reparei que a mulher também havia derramado algumas. A mancha preta escorrida do rímel denunciava isso.

— Bora, que esse casamento é para hoje! — Malu bateu, correção, praticamente esmurrou a porta. — E também tem madrinhas aqui ansiosas para ver a noiva!

Incrível como aquela garota conseguia arrancar uma risada de mim até em momentos como esse.

Para evitar de nos encontrarmos, Lucas tinha ficado para se arrumar na casa do Gabriel, que ficava há apenas alguns minutos aqui da base. Por isso, saí tranquila do meu quarto sem medo de esbarrar com o meu noivo.

A festa estava sendo feita no final da tarde. O céu de Curitiba era indescritível, todos diziam o quanto ele era lindo e, naquele dia, Deus o havia pintado de forma exclusiva para o meu casamento.

Muitos chamam de “o dia mais importante de uma mulher” mas, a verdade, é que a noiva mal se lembra do que acontece. Desde o momento em que coloquei o vestido, tudo não passou de um borrão. Graças a Deus, teriam fotos para recordar da ordem dos acontecimentos.

— Eu vos declaro marido e mulher, pode beijar a noiva!



# Epilogo



— Ai que lindo, mamãe! Mas não precisa detalhar nada depois disso!

Paulo colocou as mãos nos olhos, demonstrando nojo. Lucas deu risada do jeito do nosso filho, me puxando para um abraço e me dando um selinho para provocar as crianças.

— Já eu achei lindo! Um dia vou dar meu beijo de amor verdadeiro apenas no altar, igual a mamãe deu no papai.

Lucas ia falar algo, mas fiz um sinal para que ele ignorasse. Isabela era só uma menina no auge dos seus dez anos e cheia de ilusões de contos de fadas com amor verdadeiro.

Fora que eu mesma acreditava que tinha sido o meu beijo de amor verdadeiro. Até mesmo o *Felizes para Sempre* dos contos de fadas se realizou. Obviamente, não foi totalmente feliz. Mas, em momentos como aquele, eu não podia negar pensar que a felicidade nem sempre significa alegria, mas até mesmo a tristeza serve para aproveitar melhor os bons momentos. Se não, que valor daríamos aos sorrisos e risadas?

— Nós fizemos uma família linda! — Lucas comentou, me abraçando após termos saído do quarto das crianças, com as luzes já apagadas. — É incrível ver como Deus nunca nos deixou faltar nada.

Concordei, apoiando minha cabeça em seu peito. Mesmo morando em outro país, longe de todos os meus amigos e familiares, Deus permanecia conosco à todo momento, e me deu uma linda família, provando que eu não estava só.

— Nosso casamento serviu muito para me ensinar a confiar em Deus. Seja na riqueza ou na pobreza, Ele está cuidando de nós, principalmente dos nossos três filhos — comentei, descansando os braços na barriga.

— Concordo...

A voz dele se perdeu ao se dar conta da minha afirmação. Percebendo o pacote na minha mão, meu esposo abriu, se deparando com o nosso terceiro presente de Natal.

Aprender a descansar nEle foi a melhor coisa que fiz. Eu tinha medo? Com certeza. Afinal, eu era mãe de três crianças no outro lugar do mundo onde nosso único objetivo era até que todos O adorem. Porém, Deus foi quem orquestrou toda a história, desde a criação dos tempos, para a vinda do seu Filho e o grande dia onde todo o joelho se dobrará diante do Cordeiro que tira o pecado do mundo. E eu tive a honra de fazer parte de um pequeno ponto dessa grande e magnífica história.



# Epílogo Extra



*Bom, querido leitor, é isso!*

*Hoje, a maioria das pessoas citadas nessa história já se foram, muitas levadas pelo vírus que surgiu na época do meu casamento. Jamais imaginaríamos o quanto o COVID-19 simplesmente acabaria com as nossas vidas. Como queria voltar para 2019...*

*Porém, em tudo Deus foi bom.*

*Ele obviamente não obedeceu meus planos. Pelo contrário, enviou nossa família para o Oriente Médio, quando meu primogênito estava com seus quase dois anos.*

*Há alguns anos, eu e Lucas voltamos para o Brasil. Nossos cinco descendentes (sim, tivemos mais dois filhos após a última cena narrada) estavam espalhados pelos continentes desse mundo, todos levando a palavra do Senhor, cumprindo o Ide.*

*Ah, talvez os relatos tenham sido confusos. Não sei, já fazem mais de cinquenta anos que vivi tudo isso, nenhuma memória por melhor que fosse seria suficiente para narrar com precisão.*

*Sim, me inspirei na Marta com seu livro. Porém, não tenho o seu talento para narrar tanto ao ponto de se tornar um romance. Então, contentem-se com este simples conto.*

*Espero que você tenha sido tocado pela minha história. Como disse, ela é simples, porém, é na simplicidade que Deus se mostra presente. Cada vida é importante, cada segundo e cada momento.*

*Meu casamento não foi exuberante como eu sonhava. Ele foi simples, porém, era inegável a presença de Deus, o quanto aquilo foi importante para os momentos que viveríamos no Oriente Médio e em toda a vida. E foi ainda mais necessário para que eu entendesse a vinda do Cristo, a sua renúncia do trono, Ele poderia ter tudo, e escolheu vir como uma criança humilde.*

*Enfim, é isso. Agora preciso me arrumar para ir ao hospital, a idade chega para todos, não é?*

*Que Deus te abençoe,*

*Com carinho,*

*Elisabeth.*



# Agradecimentos

Aí, nem acredito que acabou, já posso chorar?

A Elisabeth é muito mais Lyta do que parece, mesmo sem querer muitas das suas experiencias foram inspiradas no que eu mesma vivi (tirando a parte do romance, **ainda** hehe), algumas literalmente copiadas apenas com nomes alterados kkk.

Enquanto escrevia esse conto também passei por um grande processo de aprender a confiar na provisão de Deus, e ainda não cheguei no fim, creio que é algo que vai levar toda a minha vida.

Acima de tudo quero agradecer a Deus, sem Ele eu não estaria aqui, nem teria escrito uma única palavra desse conto. Nem consigo escrever tudo que sinto sobre Ele nesse momento, é algo muito especial e Ele bem sabe como estou.

Aos meus pais. Foram os meus maiores incentivadores no mundo literário, comprando livros para mim desde pequena e depois como escritora, apesar de ainda não terem lido nenhum escrito meus. Obrigada por terem sido meus maiores exemplos como cristãos e por terem investido na minha vida.

Ao Closet. O quanto vocês aguentaram meus surtos não tá no gibi, desde quando contei a ideia estavam me incentivando,

ajudando, surtando comigo. Sou muito grata a Deus pelas suas vidas, meninas.

As minhas queridas betas: Ana, Abigail, Lauren, Lavinia, e Raquel. Obrigada por terem aceitado o desafio de ultima hora para betarem o conto, eu simplesmente amei os feedbacks, cada uma do seu jeitinho, mais surtadas ou mais calmas e emocionadas. Amo suas vidas.

A minha liderança na JOCUM. Vocês provavelmente nunca vão ler isso (eu assim espero), mas foram extremamente importantes na construção dessa história, se algum dia lerem vão entender bem o porquê. Deus foi muito especifico quando os colocou na minha vida, pois cada característica única me ajudou muito nessa jornada.

Para as Ecronitas e a ECRO em geral. Obrigada por terem sido a minha família em missões, amo vocês e tô morrendo de saudade de todo mundo junto.

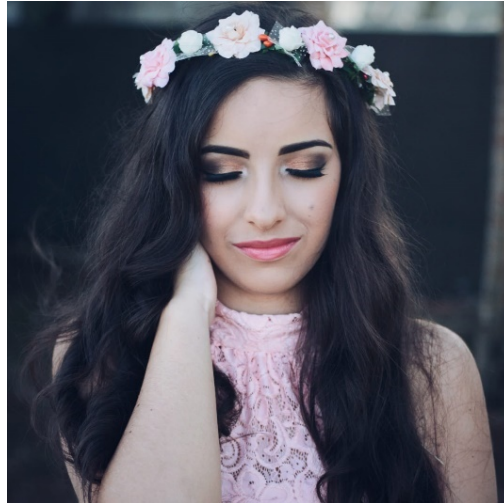
E a você, querida pessoa que está lendo. Muito obrigada por ter confiado em mim e dedicado um pouco do seu tempo com o conto. Minha oração é que de alguma forma tenha feito a diferença na sua vida, mesmo que só um pouquinho.

Que vocês jamais esqueçam que da Eternidade até a futura Nova Jerusalém, **Deus jamais perdeu o controle da História.**

Deus abençoe grandemente a cada um, até a próxima!



# Sobre a Autora



Peregrina salva pela graça, Lyta Racielly é uma jovem paranaense pertencente à geração Z, veio ao mundo mais especificamente em 2002. Apaixonada por livros, desde a infância é uma leitora nata e na adolescência começou a escrever as histórias que gostaria de ler.

Atualmente é missionária na base da JOCUM Sem Fronteiras, em Curitiba. Além disso também trabalha com serviços editoriais, como capas e diagramação de livros.

INSTAGRAM: @TulipaPeregrina

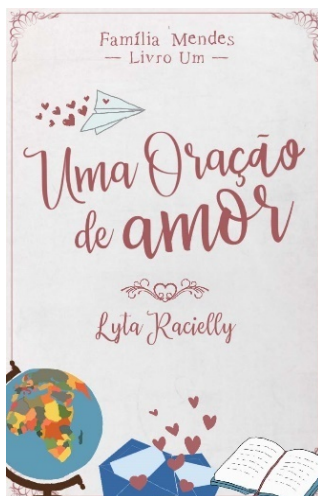
TWITTER: @puddxm

E-MAIL: lytaracielly@gmail.com

INSTAGRAM PROFISSIONAL: @LytaRacielly



# Meus outros livros

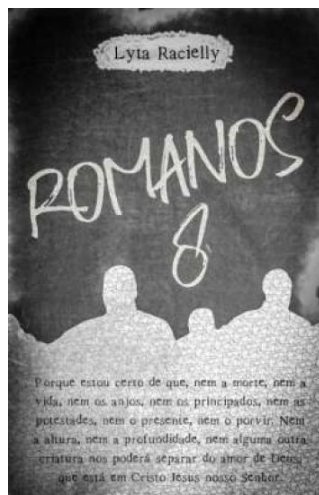


*Marta ainda era jovem quando ouviu lições sobre a pureza pela primeira vez. Depois disso sua vida mudou e ela decidiu abrir seu coração exclusivamente a um único homem digno de ser seu esposo.*

*Como meio de ajudá-la a manter seu propósito, a moça decidiu escrever cartas ao seu futuro marido. Eram cartas de amor, marcadas em papel como prova de sua ansiedade para encontrar alguém a quem nunca viu antes.*

*Marta só não esperava ter seu coração arrebatado por um jovem missionário atrevido recém-chegado na igreja local.*

-/-/-/-/-/-

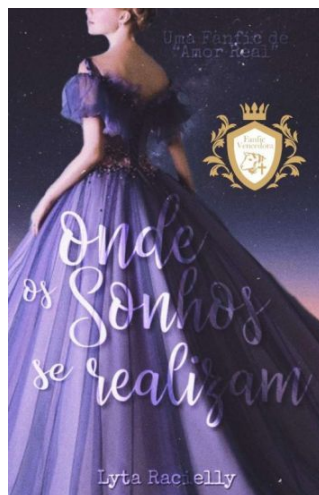


*Esther teve sua vida bruscamente alterada após obedecer a Deus em seu chamado e ir aos povos não alcançados.*

*Cinco anos depois de entrar de cabeça nesse mundo transcultural, ela terá sua fé testada e aprenderá a depender completamente dAquele que a enviou.*

*Mas, será que ela conseguirá permanecer firme mesmo na perseguição?*

-/-/-/-/-/-



*De acordo com o dicionário, "Sonhar" significa: ver em sonho, ter sonho (sobre); ter pesadelos ou delírios, delirar; entregar-se a fantasias e devaneios, a respeito de.; desejar (algo) com insistência pensar muito em; almejar, admitir a possibilidade de prever, imaginar.*

*Então, sejam bem vindos a Cibeles, lugar onde os sonhos se realizam.*